

Capítulo III - NAQUELA MESA

Eu havia escolhido um restaurante de comida francesa em Botafogo. O lugar não era sofisticado, mas a comida era muito bem preparada, sob comando de um Chef francês que tinha se apaixonado pela cidade e pela variedade de temperos e frutas brasileiros, quase sempre a preços inacreditáveis para um estrangeiro.

O bairro de Botafogo despontava como um novo centro gastronômico no Rio e várias casas amplas e confortáveis foram reformadas para abrigar os projetos de jovens empresários, orgulhosos dos seus restaurantes, bistrôs e bares. Eu frequentava com boa assiduidade esse núcleo de entretenimento, pois residia muito perto dali, na Rua Paissandu, no Flamengo.

Eu reservei o almoço, no tranquilo restaurante, para revelar a surpresa que preparara para o Réveillon. Como Ana nunca havia passado uma virada de ano no Rio, ela só teve a oportunidade de ver a incrível queima de fogos na Praia de Copacabana pela televisão. No meu íntimo, esperava levá-la ao êxtase quando comentasse que a queima de fogos seria vista do mar, em um lindíssimo barco, preparado especialmente para a festa.

O maitre, que já me conhecia de outros romances, cumprimentou-me com a discrição de sempre, evitando chamar-me pelo nome, o que traduzir-se-ia em um forte sinal de intimidade. A mesa selecionada era bem localizada e naquele momento, com o restaurante não tão cheio, devido ao adiantado da hora, concluí que poderíamos conversar tranquilamente sem muitos comensais em mesas próximas, falando alto, hábito característico dos brasileiros e, principalmente, dos alegres cariocas.

Quando fomos acomodados nas respectivas cadeiras, pudemos dar mais uma conferida no entorno da mesa e na decoração moderna, mas sóbria da sala. Lembrei-me, então, que poucos meses antes estivera sentado naquela mesma mesa, almoçando com o meu amigo Mark. E entre os muitos assuntos que conversamos na ocasião, combinamos que iríamos encarar um enorme desafio: correr, pela primeira vez, a Maratona de New York, no mês de novembro.

Capítulo III - NAQUELA MESA

O maitre aproximou-se novamente e antes de oferecer o menu ao casal, indagou com muita educação se desejávamos escolher os pratos. Com o consentimento de ambos, passou a descrever as recomendações do dia, enquanto abria lentamente os menus na página onde estavam relacionadas as apetitosas entradas.

Após as escolhas que ficaram retidas na memória do maitre, ele se retirou com a mesma sobriedade com que havia chegado, sem antes elogiar os pratos selecionados, em linha com as sugestões que ele havia apresentado.

Eu optei por começar a contar os detalhes do passeio que faríamos de noite, antes da chegada da comida. Pretendia entrar em alguns detalhes, pois havia uma combinação de eventos, tornando a programação noturna um tanto sofisticada.

A duração do passeio marítimo seria limitada ao final do espetáculo da queima de fogos, pois eu tinha recebido um convite para uma festa na Barra da Tijuca que prometia ser bem animada do que a etapa posterior da navegação, ao retornarmos de Copacabana.

A forma com que eu narrava a experiência que vivenciaríamos mais tarde despertava um brilho intenso nos olhos de Ana. Sem perder o ritmo da minha exposição, eu, fugazmente, lembrei-me que a mesma luz no olhar de Ana tinha surgido quando nos conhecemos, pouco mais de um mês atrás.

Eu costumava frequentar uma discoteca no Leblon, que também organizava uma programação de shows, com cantores e bandas se apresentando ao vivo. A People ficava na Rua Bartolomeu Mitre, no Leblon, e nos domingos à noite, com raras exceções, o espaço artístico era ocupado pela banda Terra Molhada, com repertório calcado nos sucessos dos Beatles, com incrível preservação dos arranjos musicais do grupo inglês.

Nos domingos, a faixa etária média dos frequentadores ficava entre 35-40 anos, na qual eu me enquadrava. Como a música dos Beatles influenciou diversas gerações, era comum a presença nos shows do Terra Molhada de pessoas mais jovens. O resultado dessa mescla era um ambiente com pessoas alegres dispostas a encerrar o fim de semana com energia renovada.

Capítulo III - NAQUELA MESA

Eu tinha uma franca predileção em ir sozinho ao People no domingo à noite. Priorizava esse tipo de liberdade por dois motivos principais: como o próprio nome indicava, a casa noturna tinha como objetivo propiciar que pessoas conhecessem pessoas. Além disso, como eu precisava trabalhar cedo no dia seguinte, estando sozinho cabia somente a mim decidir a hora de pedir a conta e voltar para casa.

O palco da People não era espaçoso. A distribuição dos instrumentos e dos músicos era milimétrica, para que todos pudessem ser vistos pelo público e que desfrutassem de mínimas condições para uma coreografia, por mais simples que fosse. As mesas eram distribuídas no salão de modo a permitir um grau satisfatório de integração e comunicação dos presentes, mas nem todas tinham uma visão integral do palco. Essa restrição era parcialmente superada com um som de alta qualidade em todo o ambiente.

Outra opção para quem desejasse ter uma visão privilegiada do palco era acomodar-se em um dos bancos altos existentes no bar. Além disso, passar ao longo da parte frontal do bar, quase tocando os seus bancos, era uma trajetória obrigatória de todos que chegavam para o show. Quando eu estava sozinho, preferia sentar-me nos bancos do bar para acompanhar o show e para fazer uma espécie de identificação inicial das frequentadoras desacompanhadas que poderia justificar uma gentil abordagem ao longo da noite.

Na noite de domingo em que conheci Ana no People, essa identificação prévia não ocorreu. Ana poderia ter entrado antes da minha chegada ou ela passou pelo bar, vindo da rua, quando eu estava no banheiro. Certo é que, se ela tivesse passado pelo bar ao entrar pela primeira vez e estando eu ali sentado, sua presença teria sido registrada, sem dúvida alguma.

Ana estava na lateral do bar esperando a preparação de um drink. Embora houvesse um banco disponível, ela preferiu ficar de pé, dando a impressão de que ao receber o drink sairia para outro ambiente da plateia. Por coincidência, debruçou-se no bar embaixo de um foco de luz indireta emitida por uma luminária tipo spot embutida na prateleira elevada e que acompanhava todo o perfil do balcão do bar. O resultado da incidência do feixe de luz na cabeça de Ana era um conjunto de incríveis reflexos produzidos pelo brilho dos seus cabelos negros.

Capítulo III - NAQUELA MESA

Aquela linda imagem atingiu a minha retina de forma impactante, despertando os mais fortes instintos de ambição no ser conquistador. Praticante assíduo do jogo da sedução e conhecendo o nível de competição crescente naquele ambiente, na medida em que mais pessoas desacompanhadas chegavam, eu decidi por um contato imediato.

Saí do lugar onde estava e aproximei-me de Ana, lançando uma de minhas pernas sobre o banco alto que ela dispensara. Ao dirigir-lhe uma respeitosa saudação de boa noite, constatei que Ana estava absorta em seus pensamentos a ponto de demonstrar que tinha levado um breve susto ao ouvir a minha voz tão perto de si. Quase que automaticamente, abandonou a inclinação do tórax e adotou uma posição mais ereta que afastou os seus cabelos do foco de luz. Ao me contemplar pela primeira vez e abrir um leve sorriso, eu pude constatar que o brilho que havia esmaecido dos fios de cabelo de Ana tinha se movido quase que instantaneamente para os seus olhos.

E aquele mesmo brilho floresceu, agora, no almoço, enquanto conversávamos sobre o programa organizado para aquela noite de Réveillon.

